

COOPERATIVISMO, GLOBALIZAÇÃO E O NOVO MERCADO DE FRUTAS E LEGUMES FRESCOS: (re) estruturação da cooperativa dos produtores hortigranjeiros (MercoUberlândia)

Sidivan Resende

Aluno do Programa de Mestrado em Geografia - IG/UFU
e-mail: sidivanresende@hotmail.com

João Cleps Júnior

Professor do Programa de Mestrado em Geografia - IG/UFU
e-mail: jcleps@ufu.com.br

Vera Lúcia Salazar Pessoa

Professora do Programa de Mestrado em Geografia - IG/UFU
e-mail: vlpessoa@triang.com.br

ABSTRACT - *The cooperativism is one way of social organization used by human being in order to develop actions and projects which could be hard accomplished by one or few people separately. Nowadays, with the crisis of the transition of the productive paradigm experienced by capitalist society, of the mass accumulation to the flexible accumulation, the cooperativism has been changing and trying to adapt to this new reality and guarantee the survival of its partner formers. In Triangulo Mineiro/Alto Paranaíba, the cooperatives have been through significant transformation. The MercoUberlândia represents a new phase of cooperativism in the region, characterized by economic liberalization and the evolution of technical scientific informational means, because it emerges from a modern ideology of organization as proposal of modernizing the traditional ways of horticulture comercialization in Brazil, providing an interesting study about the the globalization and the technical scientific informacional revolution in social organization ways, in consumption habits (with the emergence of new modern retail forms such as the hyper and supermarkets), and also in (re) organization of productive space because of this new reality.*

Key words: Cooperativism, globalization, Triangulo Mineiro/ Alto Paranaíba

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho procuraremos estabelecer algumas relações entre as transformações porque vem passando parte representativa da sociedade mundial face às inovações tecno-científicas (período esse que vem sendo chamado globalização) e as

transformações ocorridas no sistema agroalimentar mundial, mais precisamente nas estruturas cooperativas do setor agrícola, sobretudo as relacionadas com os produtos alimentares frescos. Para isso, utilizaremos como base analítica, o surgimento de uma cooperativa de produtores rurais (MercoUberlândia)

ligada à produção de alimentos de origem hortícola e frutícola, localizada no município de Uberlândia (MG).

Nesse sentido, o objetivo principal desse trabalho é mostrar a importância da associação cooperativista como forma de organização social no meio rural, sobretudo, para a manutenção da sobrevivência e da atividade de agricultores familiares num mundo regido pela competitividade e leis mercadológicas, suscitadas pelas ondas da liberalização econômica (Globalização). Assim, para alcançarmos esse objetivo, elaboramos uma metodologia baseada em pesquisas bibliográficas e de campo. Na primeira, buscamos conhecer contribuições teóricas que fundamentassem nossas proposições. Na segunda, através da aplicação de roteiros de entrevistas e questionários junto a alguns produtores cooperados do MercoUberlândia, buscamos desvelar a importância do cooperativismo para os produtores e ainda, caracterizar o produtor cooperado e a natureza de sua atividade .

Assim, o trabalho estrutura-se da seguinte forma. Inicialmente, discute-se rapidamente o fenômeno da globalização e seus impactos nas estruturas cooperativistas mundiais, tentando evidenciar que estratégias estão

sendo adotadas pelas cooperativas para sobreviverem num mercado altamente competitivo sem se desvirtuarem de seus princípios primeiros. A seguir, fizemos um sucinto histórico sobre o processo de implantação e desenvolvimento no movimento cooperativista na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG). Por fim, discutimos as transformações por que vêm passando o sistema agroalimentar mundial face às demandas dessa nova sociedade mundial “virtual” e suas inovações tecnológicas. Todavia, nossa análise se prende sobretudo as transformações na cadeia de frutas e legumes frescos (FLF) na qual se insere o MercoUberlândia.

A GLOBALIZAÇÃO E SEUS REFLEXOS NO COOPERATIVISMO

Diante do processo de globalização, crescimento e transformações do mercado mundial, o movimento cooperativista, tem que se modernizar para atender às novas necessidades de produção e de consumo, exigidas por novos modos de vida. Duarte (1997) levanta a importância do cooperativismo como espaço de politização e aquisição tecnológica para os produtores rurais visando a adaptação desse aos novos tempos de globalização.

Nesse sentido, indica ações que podem ser seguidas pelo movimento cooperativista para alcançar os imperativos da modernidade globalizada, a saber:

[...] autogestão participativa, desenvolvimento científico/tecnológico, criação de parque agro-industrial e de serviços e autonomia, são alguns fatores que poderão abrir caminho para o fortalecimento do cooperativismo [...] e, conseqüentemente, para uma participação mais efetiva e competitiva nos processos de globalização e integração de mercados regionais (DUARTE, 1997, p.123).

Outra grande mudança, decorrente da reestruturação comercial e tecnológica mundial, sentida no sistema cooperativista tem a ver com a nova preocupação sobre o meio ambiente e os impactos sobre ele impingido pelo pacote tecnológico da "Revolução Verde". Nesse sentido, têm surgido alguns projetos cooperativos no sentido da busca de um desenvolvimento, econômico e ecológico, sustentável. Um exemplo disso foi o desenvolvimento de um tipo de plástico biodegradável obtido a partir do açúcar pela Coopersucar (Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de São Paulo), juntamente com o IPT (Instituto de Pesquisa Tecnológica) e a

USP (Universidade de São Paulo) (MOREIRA, 1999).

Quanto aos impactos modernizantes de novas tecnologias no sistema cooperativista brasileiro, o presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Roberto Rodrigues (1999), salienta que as novas exigências da globalização requerem mudanças nas estruturas organizacionais das cooperativas, confirmando as afirmativas. Dessa forma, com os efeitos da globalização e, por conseqüência, a liberalização dos mercados, a competitividade passou a ser tema central para a sobrevivência de qualquer instituição ou empresa.

Com isso as cooperativas do mundo e do Brasil, segundo Rodrigues, foram colhidas por essa onda global e a ela tiveram que se submeter. Assim, a busca por minimização de custos, profissionalização, qualidade, tecnologia, produtividade entre outros, são imperativos para o sucesso nesse contexto. Frente a esse novo modelo mundial, ele prega a diminuição da democracia na tomada de decisões por parte dos cooperados visto que isso é muito moroso e as circunstâncias exigem agilidade, salientando ainda que os maus cooperados devam ser eliminados. Com isso, em tempos de globalização os principais ideais

da doutrina cooperativista vêm perdendo seu real significado.

As grandes transformações empreendidas pela globalização, que a cada dia se ampara mais em meios técnicos científicos e informacionais, provocaram e estão provocando a reestruturação de todos os setores produtivos. Nesse sentido, as cooperativas e associações não escapam à essa nova lógica. Como outros bons exemplos dessa reestruturação econômica e seus impactos nas estruturas cooperativas, os trabalhos de Souza (1993), Mejido (1993), e Santos (1993), organizados por Zylbersztajn (1993) em um livro chamado “Estudos de Caso em Agribusiness: o processo de tomada de decisão nas empresas brasileiras”, demonstram como as exigências da globalização estão transformando as associações e cooperativas agropecuárias.

Delgado (1996), discutindo o quadro de liberalização do mercado mundial e a tendência de formação de blocos regionais, sobretudo o Mercosul, salienta que as cooperativas do sul do país, sobretudo as do estado do Paraná, passam a adotar estratégias para enfrentarem essa realidade. Essas estratégias vão desde a otimização, flexibilização do trabalho na cooperativa -

modelo gerencial - até a industrialização e diversificação da produção. Assim, "as novas necessidades do setor agrícola passam pela redefinição dos padrões tecnológicos de produção agro-industrial. É com esse propósito que novas estratégias vêm sendo estabelecidas pelas cooperativas" (DELGADO, 1996, p.157).

De acordo com os modernos conceitos de produtividade e de maior qualidade, as cooperativas passam a atuar como molas propulsoras no desenvolvimento e adoção de novas técnicas que garantam maior produtividade e lucratividade. Assim, "as cooperativas assumem, nesse contexto, o papel de gestoras e difusoras de um novo padrão tecnológico que, em parte, se contrapõe ao padrão até então vigente, difundido essencialmente pela pesquisa estatal" (DELGADO, 1996, p.162)..

Até então viemos tratando das transformações que vêm ocorrendo com as cooperativas agropecuárias de modo geral. Porém, este estudo representa parte de uma pesquisa que objetiva estudar, especificamente, uma cooperativa de pequenos produtores ligados à produção de frutas e legumes frescos (FLF), o MercoUberlândia, nome fantasia da Cooperativa dos Produtores Hortigranjeiros

Ltda., e que representa, não uma readaptação de estruturas, mas sim a criação de uma sistema cooperativista que tenta modernizar a comercialização dos referidos produtos com base na utilização de tecnologias informacionais, visando atender às novas demandas por produtos alimentares frescos modernos e, principalmente, possibilitar aos produtores o acesso a esses mercados modernos, caracterizados por exigências de alta qualidade e profissionalismo. Todavia, para entendê-la é necessário uma retrospectiva sobre o processo de implantação e desenvolvimento do sistema cooperativista na região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba.

IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO COOPERATIVISMO NO TRIÂNGULO MINEIRO/ ALTO PARANAÍBA

Discutir a gênese do movimento social cooperativista na região pode ser muito importante para apreendermos hoje, seu significado e suas características. Estudos realizados mostram que o cooperativismo na região passou por dois momentos: o primeiro, característico do período anterior à modernização do agro nacional, pautado na pecuária extensiva, consubstanciando o cooperativismo leiteiro. O segundo

contemporâneo à incorporação das terras do cerrado mineiro à nova dinâmica agrícola nacional, o cooperativismo empresarial dos produtos exportáveis, soja, café, milho. Nesse período, a nova estratégia agrícola foi orientada para uma modernização tecnológica voltada para a agricultura de exportação, em que a expansão da cultura da soja foi o exemplo mais expressivo que passou a disputar, em poucos anos, com o café o primeiro lugar nas exportações brasileiras. E por fim, o cooperativismo de pequenos produtores especializados na produção de FLF, representado pelo MercoUberlândia, indicando uma nova fase, caracterizada pela liberalização econômica e a evolução do meio técnico científico informacional.

Até o fim década de 1970, as terras do cerrado brasileiro eram consideradas improdutivas, explicando assim, seu uso predominantemente com a pecuária extensiva. Essa situação, brevemente seria mudada. Sob os auspícios do pacote tecnológico da revolução verde e do capital monopolista internacional as terras do cerrado foram incorporadas a uma nova dinâmica produtiva, baseada no largo uso de insumos industriais (de natureza físico-químicas, mecânicas e biológicas), sendo

os produtos produzidos, produtos vinculados às indústrias de processamento agro-industrial ou à exportação, proporcionando dessa forma a geração de divisas para o país. Os impactos econômicos desse processo foram e ainda podem ser medidos, apresentando resultados positivos. Já os impactos sociais e ambientais de tal processo mostraram uma face negra.

Assim, as primeiras experiências cooperativas no Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba são as cooperativas “leiteiras”, visando congregar produtores dessa classe, garantindo-lhes condições de continuarem no mercado com maiores taxas de lucro. Contudo, esse setor de cooperativas não ficou parado no tempo, pois com as exigências do mercado, principalmente esse atual, globalizado, obriga a todos a se adaptarem e se modernizarem. Nesse sentido a cada dia inovam sua gestão e linhas de produtos.

Os trabalhos de Barbosa (1999) e Martini (1999) abordam as transformações que vêm passando as cooperativas de leite da região, face às exigências desse novo mercado globalizado. É nesse sentido que as cooperativas vêm adotando programas de eficiência na produção e na gestão dos negócios, tentando se manterem no

mercado. Como exemplos desse fato, a CALU criou, recentemente, um programa de pagamento da produção de acordo com a qualidade dos produtos, forçando o produtor a se modernizar. Nesse processo, em poucos anos, é de se esperar que os pequenos produtores despreparados saíam do mercado, ao passo que os produtores mais capitalizados e detentores de maiores áreas tendem a aumentar sua participação na produção.

As próximas experiências cooperativas a surgirem no espaço do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foram as chamadas cooperativas agroindustriais e também as de cafeicultores Souza(2001) e Pessoa e Silva (1999). Essas cooperativas surgiram em virtude do processo de modernização da agricultura deflagrado na região a partir da década de 1970, objetivando amparar esse processo. Nesse sentido, o Estado brasileiro, através de uma política de planejamento regional, de caráter desenvolvimentista, criou as condições para a incorporação das terras dessa região a uma nova dinâmica produtiva pautada no amplo processo de mecanização das atividades agrícolas, uso intensivo de fertilizantes e defensivos químicos, sendo os principais cultivos, produtos destinados

ao mercado internacional ou a cadeias agroindustriais. Assim,

[...] o cooperativismo, no quadro da política agrícola, é um dos instrumentos usados pelo governo para atingir seus objetivos com relação à agricultura. Com isso, o cooperativismo vem perdendo seu significado real [...] levando o capitalismo de forma mais rápida ao campo (PESSÔA, 1988, p.170).

Dessa forma, através de programas contidos nos três planos nacionais de desenvolvimento (PND's) durante a década de 1970 o Estado criou os sistemas de armazenamento, transporte e suporte técnico-financeiros (pesquisa agropecuária e crédito rural). Utilizando como fio condutor/ indutor, o crédito rural oficial, estimulou o processo e incentivando a produção de grãos no cerrado (café, soja, etc.). Pessoa e Silva (1999), ao pesquisarem o papel do café e da soja na reorganização do espaço do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, deixaram claro como o Estado, através de suas políticas pode criar novas configurações regionais. Assim, através da introdução desses dois novos cultivos na região, contando com o apoio, logístico, técnico e financeiro do Estado, surgem também duas novas formas de organização no meio rural: as cooperativas de grãos e as associações.

Nesse sentido, nas décadas de 1970 e 1980 surgem várias cooperativas ligadas à produção de grãos. Podemos afirmar que as cooperativas, nesse momento, serviram como os principais braços de apoio no processo de reorganização do espaço agrário da região. E, nas décadas de 1980 e 1990, após a consolidação da cafeicultura na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foram criadas várias associações congregando esses produtores que objetivavam construir órgãos de representação política de classe, na busca de uma política agrícola vantajosa para eles e também na organização dos produtores para fomentar pesquisas de mercado, marketing e vendas internacionais. Por fim, criou-se também o CACCER (Conselho das Associações de Cafeicultores do Cerrado), com o objetivo principal de criar um sistema logístico próprio de marketing internacional da marca "Café do Cerrado", além de um órgão de representação político e de prestação de serviços e orientações sobre o agronegócio do café. E, com o objetivo de apoiar técnica e financeiramente as associações e o conselho, nasce também a COOCACCER (a cooperativa do CACCER).

Talvez, como reflexos e condicionantes desse processo de modernização agrícola que gerou muitos excluídos no campo, e também uma crise do mercado de trabalho na agricultura regional, surgiram as cooperativas de trabalho, denominadas também, cooperativas de serviços ou de trabalhadores rurais. Tendo em vista o intenso processo de mecanização das atividades agrícolas de produção, substituindo grande parte da mão de obra necessária em determinadas atividades, como o plantio mecanizado, essa situação gera, por conseguinte, uma intensa crise de desemprego no setor. Assim, essas cooperativas podem ser vistas sobre uma dupla face. A primeira, funcionando como uma mantenedora da mão-de-obra no campo, pois ela diminui para o produtor o custo da contratação de trabalhadores ocasionados por leis trabalhistas. A segunda, representando a perda de muitas conquistas dos trabalhadores rurais em longos anos de lutas.

Segundo Pessôa e Silva (1999), as cooperativas de trabalho surgem,

[...] na metade da década de 90 e foram criadas com o intuito de alocar um número maior de mão-de-obra, considerada por alguns produtores, escassa no período da colheita, reduzir os custos da produção e, principalmente, para evitar os encargos

burocráticos referentes às leis trabalhistas. As cooperativas de trabalho vêm sendo instaladas nos municípios cafeicultores que demandam um grande número de trabalhadores temporários no período de colheita (PESSÔA e SILVA, 1999, p.290).

Nesse sistema, o que acontece é que a pessoa que antes arregimentava a mão-de-obra para os produtores, hoje foi substituída pela cooperativa. E se antes, o produtor tinha que arcar com os encargos sociais referentes a esses trabalhadores temporários que trabalhavam principalmente na colheita do café, hoje a cooperativa se encarrega desses encargos e o produtor fica livre de qualquer responsabilidade, pois ele apenas contrata a cooperativa que lhe prestará um serviço em forma de terceirização. E os trabalhadores, por terem se tornado “cooperados”, passam a formar o quadro social da cooperativa e teoricamente, são os donos da cooperativa, mas na verdade são expropriados de seus direitos trabalhistas e quase sempre o presidente da cooperativa é o que ganha com esse sistema.

A partir da década de 1990, com os efeitos da reestruturação econômica mundial sendo sentidos mais fortemente nas regiões periféricas do mundo e traduzidos nos imperativos da globalização

(competitividade, qualidade, otimização da produção) surge um novo tipo de cooperativismo, ligado ao ramo dos produtos alimentares frescos como os hortícolas e frutícolas. No Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba esse tipo de cooperativa é o MercoUberlândia, que surge procurando modernizar a comercialização desses produtos na região através do uso de tecnologias informacionais, na tentativa de criar um mercado virtual de FLF. Em seus planos, além, dessa modernização da comercialização e paulatina substituição da comercialização feita na "pedra" da CEASA/ Uberlândia, objetiva ainda projetar a cooperativa no mercado nacional, estabelecendo negócios com grandes redes varejistas como Carrefour e Bom Preço localizado no Nordeste Brasileiro.

MERCOUBERLÂNDIA NO CENÁRIO DO MERCADO DE FRUTAS E LEGUMES FRESCOS E A PROPOSTA COOPERATIVA

Tendo em vista o contexto atual de globalização econômica e suas implicações nas estruturas sociais de produção e consumo, procuramos mostrar como o mercado de frutas e

legumes frescos (FLF) está se transformando rapidamente. Acarretando mudanças para as cooperativas desse setor. Por um lado, surgem inovações técnicas e organizacionais como a exposição de alimentos frescos à irradiação visando diminuir sua perecibilidade, a criação de centrais logísticas de armazenamento e distribuição climatizadas. Por outro lado, na esfera da comercialização agrícola, as centrais logísticas supracitadas e a "imposição" de contratos de integração vertical entre fornecedores e distribuidores representam um pouco das mudanças que vêm ocorrendo na cadeia de frutas e legumes frescos. O surgimento de um mercado consumidor exigente em qualidade e profissionalismo e/ou que busca alimentos livres de agrotóxicos (alimentos produzidos de forma orgânica), representa uma outra faceta do processo. Na medida do possível tentaremos discutir essas questões daqui para frente, e a inserção do cooperativismo nesse processo.

Ao estudar as transformações porque vem passando o sistema agroalimentar mundial nesse atual contexto de globalização, enfatizando principalmente

seus reflexos em uma área horticulora da Argentina, Rivas (2001), afirma que,

[...] el sistema agroalimentario conformado por los eslabones de la producción agrícola, procesamiento industrial e comercialización, junto a los nuevos padrones de consumo, há manifestado notables transformaciones. [...] En este marco, la producción y consumo de hortalizas (productos frescos e pseudofrescos), geográficamente asociada a las proximidades de los centros urbanos no han permanecido ajeno a los cambios productivos y de distribución impuestos por esta nueva etapa de desarrollo capitalista (RIVAS, 2001, p.71).

Esse situação relatada, vem transformando áreas hortícolas nos países em desenvolvimento, provocando transformações nesse espaço, que se manifestam em novas formas de organização produtiva junto a uma nova mobilidade do capital. Muitas grandes empresas vêm ocupando posições importantes tanto na produção como na distribuição dos produtos hortícolas. Da mesma forma,

[...] áreas tradicionalmente dominadas por pequeños productores de escaso nivel de capitalización han tenido que implementar nuevas estrategias con el fin de adecuar sus estructuras productivas a las nuevas exigências de mercados cada vez más competitivos (RIVAS, 2001, p.172).

Na situação regional da Europa, Green e Schaller (2000), ao tratarem do processo de modernização que vêm ocorrendo nas estruturas organizacionais e as mudanças de tecnologia nas empresas ligadas ao ramo dos produtos alimentares frescos na França e Europa de modo geral, deixam claro como o mercado desses produtos vem se transformando. As transformações nas estruturas organizacionais das empresas visam adaptar-se às exigências do mercado. Assim, a logística de distribuição desses produtos vem sendo subvertida, visando atender a essa demanda. Nesse sentido, "(...) a busca de uma resposta mais imediata aos apelos do mercado e a capacidade de obter uma diminuição dos custos, garantindo melhores posições na concorrência, tornaram-se fundamentais". (GREEN & SCHALLER, 2000, p.107)

Esses autores nos informam sobre a utilização por grandes empresas varejistas européias, de plataformas logísticas de distribuição, adaptadas às características de produtos alimentares frescos. Ou seja, essas empresas criam centrais de recepção e distribuição adaptadas a esses produtos, diminuindo o

custo de operações de transporte. Essas plataformas têm sessões especiais climatizadas de acordo com as características dos produtos, visando conservar e prolongar a vida útil dos mesmos. Para se ter uma idéia da importância que vem assumindo esse tipo de estrutura logística, esse autores nos reportam que 85% dos produtos frescos comercializados pela rede varejista Carrefour, na França, passam por plataformas de distribuição.

O MercoUberlândia, em um momento de crise de suas finanças passou a abrigar nas instalações uma plataforma de distribuição do Carrefour, realizando negócios com essa, e intermediando as operações diretas com os produtores. Entretanto, a plataforma funcionou por alguns meses e foi desativada por motivos ainda desconhecidos. Atualmente, outra rede varejista de supermercados (Bretas) está utilizando parte da estrutura do MercoUberlândia para o funcionamento de uma plataforma de distribuição de FLF.

A criação desse tipo de estrutura de comercialização representa uma forma alternativa de comercialização às tradicionais estruturas existentes de

caráter centralizador, criadas pelo Estado, que geram muitos benefícios para as empresas. Para se abastecerem, as redes varejistas estabelecem contratos de integração com produtores, distribuidores ou cooperativas. Essa situação de integração beneficia bastante as modernas empresas varejistas, pois elas exigem dos fornecedores, alta qualidade, homogeneidade e também volume constante de produtos, sendo as negociações feitas em longo prazo através de contratos de integração, eliminando as negociações freqüentes, guiadas pelos movimentos do mercado.

Através do contrato "imobiliza-se" o fornecedor quanto às negociações de preços e condições de pagamento. Assim, a empresa atende a exigência de otimização da gestão, eliminando os custos em armazenamento, estoque e conservação. Beneficia-se ainda na concorrência, ao oferecer sempre produtos frescos e com grande quantidade de serviços embutidos como, embalagens, semi-processamento (legumes descascados e picados pronto para o preparo), etc.

No Brasil, essa situação é ainda incipiente, existindo apenas algumas

experiências no sentido dessa transformação. Farina e Machado, ao abordarem os problemas enfrentados pela coordenação da cadeia agroalimentar de legumes e frutas no Brasil para atender a uma demanda que é grande e disseminada e, ao mesmo tempo, para alcançar padrões mais elevados de qualidade nos serviços de alimentação e nos serviços de varejo moderno¹, afirmam que, "o mercado de frutas e legumes frescos é um dos menos desenvolvidos no Brasil" (FARINA & MACHADO, 2000, p.161).

Vem ocorrendo também intensas transformações no consumo de FLF, marcadas por transformações nos hábitos alimentares da população, principalmente os das grandes cidades, que buscam a cada dia produtos carregados em serviços, de preparo fácil e rápido. Por outro lado, com os grandes riscos e problemas de saúde provocados por essa alimentação "moderna", representada pelos alimentos processados, enlatados, contaminados com agrotóxicos entre outros, surge uma preocupação crescente com o consumo de alimentos livres de

contaminação, frescos, saborosos e de qualidade e pureza garantidos. Nesse sentido, novos produtos como: orgânicos, hidropônicos, embalados, semi-processados, com garantia de qualidade são as "vedetes" do momento.

Quanto a essas formas alternativas de comercialização e suas vantagens para os grandes capitais, entre as quais a eliminação dos atravessadores, Custódio (2000) salienta que,

[...] as relações que os hiper e supermercados estão estabelecendo com os fornecedores de produtos hortícolas é semelhante àquelas estabelecidas com a indústria. [...] Um exemplo que ilustra a questão é o crescimento das ditas 'parcerias', entre o produtor direto e as redes varejistas, em que o primeiro vende quase toda sua produção ao último, o qual adquire um poder de barganha que permite atuar na formação de preços (CUSTÓDIO, 2000, p.102).

Quanto à questão da qualidade dos produtos alimentares frescos tem havido uma crescente exigência por ela. Esse crescimento parece ser promovido pela liberalização do comércio, o surgimento de leis de proteção ao consumidor e, a crescente conscientização acerca das questões de saúde e nutrição, estimulando a preocupação com a qualidade dos produtos, inclusive os produzidos de forma orgânica. Um outro

¹ Podem ser exemplo dessa varejo fast-foods, Super e Hipermercados, Lojas de desconto, etc.

fator acerca da questão de qualidade, e que está promovendo grandes mudanças na cadeia de FLF, é a chegada de grandes e modernas redes varejistas e também lojas de fast-foods que invadiram o país, tornando-se os clientes mais exigentes de FLF no Brasil. Isso tem provocado efeitos que podem ser considerados positivos, pois tem havido uma maior profissionalização dos produtores para atender a demanda por qualidade. Tendo em vista as características das lojas de fast-foods faz-se necessário um abastecimento de produtos carregados em serviços (p.ex. legumes descascados, lavados e picados).

Portanto, todas as transformações que vêm ocorrendo no setor de alimentos frescos da cadeia agroalimentar têm como propulsão todos os impactos do desenvolvimento de uma sociedade pautada em um meio científico informacional, ou seja uma sociedade que se utiliza de modernos avanços tecnológicos nas atividades de produção, distribuição e até consumo. Assim, no sistema agroalimentar, as inovações na área de produção de sementes selecionadas e geneticamente transformadas, cultivadas à base de

muitos e muitos insumos agroquímicos, as inovações nas atividades de transporte, manuseio e armazenamento dos alimentos frescos, o surgimento de modernas formas de varejo como os já citados, e por consequência a adoção de novos padrões alimentares pela população estão promovendo esses intensos impactos na cadeia de FLF.

Uma interessante mudança que vem se processando é o surgimento de mercados virtuais de FLF, tentando substituir o tradicional esquema "físico" de concentração da produção nas centrais de abastecimento para a sua posterior distribuição por um sistema descentralizado "virtual" baseado na informática e telemática, e principalmente, na informação rápida e confiável. Entretanto para que esse mercado possa funcionar faz-se necessário que "as mercadorias e os serviços devam ser padronizados e que a terminologia necessária para desenvolvê-las deva ser conhecida por todos, especialmente quando os mercados físicos se transformam em mercados virtuais". (FARINA & MACHADO, 2000:168).

O MercoUberlândia nasceu de uma proposta de criação de um mercado virtual de FLF na cidade de Uberlândia, visando colocar os produtos locais nos mercados nacionais e até mesmo internacionais. O MercoUberlândia funcionaria a partir de um Mercado de Origem Eletrônica, ou seja um painel eletrônico conectado a um computador e esse por sua vez à Internet comandaria a comercialização. Esse mercado além de modernizar a comercialização de FLF, visava ainda a formalização de setor, inclusive com a tributação fiscal sobre os produtos, tendo em vista que no Brasil esse setor encontra-se na mais completa informalidade.

Entretanto, a implantação desse sistema esbarrou em problemas com os produtores e também com os dirigentes da cooperativa. Os primeiros não acreditavam na transparência de operação do sistema e também não viam a importância na mudança dos padrões de comercialização existentes. Os últimos contribuíram para o fracasso da proposta, apesar de serem favoráveis a ela, pois, criaram o sistema de "cima para baixo" sem a consulta dos produtores cooperados e, além de tudo, instalaram

uma empresa privada para atuar no processo que mais tarde foi acusada de irregularidade.

Nesses mercados virtuais, a questão da qualidade dos produtos torna-se importante. Entretanto, esse tipo de produto, FLF, dificulta muito a questão de definir o que é qualidade. Dada as características de produção, os produtos são difíceis de serem padronizados em um mesmo lote, e ainda, tem-se a preferência do consumidor que é muito heterogênea, aumentando a complexidade da definição do que é qualidade. Acresce-se ainda a essa questão, as incertezas da qualidade de sementes, do clima regional no qual se dá a produção, da estação climática, das condições de transporte, manuseio, armazenamento, sendo que tudo isso acontece anteriormente à chegada do produto ao consumidor. Por isso, as condições de oferta e de demanda são tão instáveis, provocando problemas como baixas ou altas nos preços, superprodução ou escassez de um produto.

Todos esse fatores que influenciam no mercado de FLF dependem, em maior ou menor grau, de fatores geográficos, ou

sejam todos eles se dão e necessitam do espaço para se perfazerem. Dessa forma, a análise geográfica de tal tema mostra-se importante. A demanda por produtos alimentares frescos é disseminada e diversificada e a produção disseminada e especializada, por isso é importante a criação de espaços físicos para a reunião da produção de vários locais, para reagrupá-los e posteriormente distribuí-los. Devido à complexidade dessas ações, muitas vezes elas são dominadas pelas centrais de abastecimento e os atravessadores nelas instalados, pois, dado as suas vantagens de escala, a questão da perecibilidade dos produtos, e a falta de informações confiáveis, conferem aos atacadistas melhores condições de extração de renda de suas mercadorias, mas isso tende a mudar.

Tendo em vista as novas necessidades de consumo e principalmente, as necessidades dos varejos modernos, exige-se da cadeia de FLF muitas operações com os produtos para que se garanta a qualidade, o frescor, o sabor, a coloração, ou seja, a qualidade do produto. Dado a perecibilidade dos produtos, essas operações têm que ser muito rápidas e ordenadas, visando

diminuir os riscos de operação engendrados pela natureza dos produtos FLF. É por isso que as centrais de abastecimento (CEASA's) vêm caindo em descrédito, pois elas continuam sendo uma estrutura arcaica de comercialização, não conseguindo acompanhar as transformações por que passa a cadeia de FLF.

O mercado de FLF sempre foi caracterizado como um mercado físico que concentrava a produção. Hoje, dado à ineficiência desses mercados físicos, muitas vezes geridos pelo Estado, em atender as demandas por rapidez e qualidade das operações e principalmente, por que o intenso manuseio dos produtos lhes prejudica a qualidade, o surgimento de um mercado virtual parece estar garantido. A cooperativa MercoUberlândia representou o surgimento de um mercado desse tipo, porém, dado a algumas incontingências, o mercado virtual - Mercado de Origem Eletrônica, como foi chamado o painel eletrônico que comandaria a comercialização - não continuou suas operações contudo, ainda hoje é cogitada sua operacionalização. Outra cooperativa que se utiliza de um

sistema de leilão eletrônico virtual é a cooperativa de Holambra, que já utiliza um mercado dessa natureza. Todavia, o produto comercializado por essa cooperativa são flores, mas que também são da mesma natureza perecível. Com isso, a cooperativa de Holambra garante a comercialização de toda a produção a preços compensatórios, tendo ainda afastada a figura do atravessador de mercadorias.

Atualmente, com o crescimento desses mercados virtuais vêm se tornando uma tendência a adoção de quesitos descritivos de padronização, visando evitar a inspeção visual dos produtos hortifrutis e, principalmente, possibilitar um mercado virtual. Brussel e Codron apud Farina e Machado (2000), relatam a importância dessa operação de padronização para os mercados virtuais de FLF caracterizando ainda as vantagens de seu funcionamento. Nesse sentido,

[...] as regras de padronização permitem a separação das funções de negociação e pagamento das operações físicas, reduzindo ainda, os custos logísticos e a manipulação direta dos produtos [...] Os mercados virtuais evitam a duplicação do transporte e reduzem as perdas físicas e de qualidade. Contudo, os mercados virtuais não são muito eficientes em incrementar a qualidade no setor de FLF. [...] As transações realizadas à distância,

com base em um preço e em uma série de padronizações (tamanho, variedade, embalagem, grau de maturação, etc.) é que devem ser adotadas pela maior parte do sistema (FARINA & MACHADO, 2000, P.171).

Portanto, duas características importantes são necessárias para a implementação de mercados virtuais: padrões gerais reconhecidos e sistemas de informação confiáveis. No Brasil, esse desenvolvimento ainda é incipiente, existindo somente algumas experiências nesse sentido. O MercoUberlândia, como dissemos pode ser descrito como uma tentativa desse tipo. A cooperativa de Holambra, com sua Unidade de Negócio Flores, também vem operando nesse sistema. Já nos países desenvolvidos, essa realidade parece mais consolidada, as ações da rede varejista Carrefour e a cidade de Alcobaça em Portugal podem ser levantadas como um centro virtual de negócio de FLF.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

De acordo com o exposto, podemos concluir que grandes transformações vêm sendo empreendidas pela globalização, subvertendo tanto as tendências de organização da sociedade e do trabalho na produção quanto os novos hábitos de consumo. Nesse sentido, o sistema

agroalimentar mundial também vem se transformando. Se há alguns anos atrás a produção de alimentos esteve orientada para a produção em massa, com o predomínio das rígidas estruturas do complexo agroindustrial, hoje, com as novas exigências dos consumidores por novos produtos alimentares, a situação se modifica. O sistema agroalimentar vem se organizando de uma forma mais flexível e em redes.

Todavia, o movimento cooperativista tem que passar por amplas discussões e transformações, na busca de um sistema mais democrático e que atue no interesse de todos os cooperados. Dessa forma, poderia congregiar um grande número de produtores e promover uma transformação das estruturas de comercialização que hoje estão organizadas de forma tão lesivas aos interesses de produtores e consumidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, E.C.M. Cooperativismo e estratégia competitiva: o caso CALU. 1999. 57p. **Monografia** (Graduação em Economia). Centro de Ciências Humanas e Artes/ Departamento de Economia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.1999.

CUSTÓDIO, A.B. Reestruturação do consumo alimentar e da comercialização agrícola. In: _____. Produção e comercialização do tomate de mesa em Araguari (MG). 2000. 226p. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2000. p. 85-123.

DELGADO, N.G. et al. **Estratégias agro-industriais e grupos sociais rurais: o caso do Mercosul**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ UFRRJ, 1996, p.5-43.

DUARTE, L.M.G. O sonho refeito: dos socialistas utópicos à utopia do cooperativismo ambiental no Brasil. In: PORTO, M.S.G. (Org.). **Politizando a tecnologia no campo brasileiro: dimensões e olhares**. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará, 1997. p.127-145

FARINA, E.M.M.Q.; MACHADO, E.L. Regulamentação governamental e estratégias de negócio no mercado de frutas e legumes frescos. In: BELIK, W. e MALUF, R.S. (Org.) **Abastecimento e segurança alimentar: os limites da liberalização**. Campinas: IE/ UNICAMP, 2000. p.161-181.

GREEN, R; SCHALLER, B. Logística e racionalização comercial da área dos

produtos alimentares frescos. In: BELIK, W. e MALUF, R.S. (Org.). **Abastecimento e segurança alimentar: os limites da liberalização**. Campinas: IE/ UNICAMP, 2000, p. 107-130.

MARTINI, R.A. Os desafios das cooperativas em época de globalização. 1999. 73p. **Monografia** (Graduação em Economia). Centro de Ciências Humanas e Artes/ Departamento de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 1999.

MEJIDO, José L.T. Cooperativa BATAVO. In: ZILBERSZTAJN, D. (Coord.) **Estudos de caso em agribusiness: o processo de tomada de decisão nas empresas brasileiras**. Porto alegre: Ortiz. 1993. p.163-198.

MOREIRA, A.C. Nos canaviais: o plástico do futuro. **Revista Panorama Rural**, São Paulo, p.12.-13, Março de 1999.

PESSÔA, V.L.S; SILVA, P.J. da. O café e a soja na (re) organização do espaço do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba. In: ASARI, A.Y. et al. Realidade agrária do norte paranaense: transformações recentes e novas perspectivas. Londrina/ Maringá/ Uberlândia: UEL, UEM, UFU. 1999. 333p. p.200-329. **Relatório Técnico-científico**.

RESENDE, S.A. Cooperativismo e globalização: a reestruturação da Cooperativa dos Produtores Hortigranjeiros Ltda. 2001. 106 p. **Monografia** (Graduação em Geografia), Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2001.

RIVAS, Ana I. Cambios productivos dentro del contexto de la globalización del sistema agroalimentario: el caso de los productores de Lules (Prov. de Tucumán, Argentina). In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 8, 2001, Santiago (CL). **Anais...** Santiago (CL): Universidad de Chile, 2001. p. 271-281. (CD ROOM).

RODRIGUES, Roberto. Novos tempos para o cooperativismo. **Revista de Política Agrícola**. Brasília, n.33, p. 3-4, jul./ago./set. 1999.

SANTOS, R.C. Cooperativa Agropecuária Holambra. In: ZYLBERSZTAJN. D. (Coord.) et al. **Estudos de Caso em Agribusiness: o processo de tomada de decisão nas empresas brasileiras**. Porto Alegre: Ortiz, 1993. p.127-162.

SOUZA, Francilaine E. de. Estratégias econômicas e territoriais das agroindústrias ligadas ao processamento de grãos-carnes

do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba. 2001. 62 p. **Monografia** (Graduação em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2001.

SOUZA, S.B. de. AVITI: Associação dos Viticultores de São Miguel Arcanjo. In: ZILBERSZTAJN, D. (Coord.) Estudos de caso em agribusiness: o processo de tomada de decisão nas empresas brasileiras. Porto Alegre: Ortiz. 1993. p.163-198.

ZILBERSZTAJN, D. (Coord.) Estudos de caso em agribusiness: o processo de tomada de decisão nas empresas brasileiras. Porto Alegre: Ortiz. 1993.